

# JORNAL DO BRASIL

Fundado em 1891

## Conselho Editorial

M. F. DO NASCIMENTO BRITO — *Presidente*  
WILSON FIGUEIREDO — *Vice-Presidente*

## Conselho Corporativo

FRANCISCO DE SÁ JÚNIOR  
FRANCISCO GROS  
JOÃO GERALDO PIQUET CARNEIRO  
JORGE HILÁRIO GOUVÊA VIEIRALUIS OCTAVIO DA MOTTA VEIGA — *Diretor Presidente*DACIO MALTA — *Editor*  
MANOEL FRANCISCO BRITO — *Editor Executivo*  
ORIVALDO PERIN — *Secretário de Redação*NELSON BAPTISTA NETO — *Diretor*  
ROSENAL CALMON ALVES — *Diretor*  
SÉRGIO RÉGO MONTEIRO — *Diretor*

## De Roosevelt a Ribamar

Depois do *Onze e meia* de Jô Soares, o diagnóstico de autismo — que o *Aurélio* define como “fenômeno patológico caracterizado pelo desligamento da realidade exterior e criação mental de um mundo autônomo” — assenta melhor que um jaquetão no ex-vice-presidente José Ribamar Costa, mais conhecido por Sarney. Quem teve o privilégio de vê-lo e ouvi-lo pode reconhecer nele os sintomas do autista: completo desligamento da realidade e desenvoltura de movimentos no seu universo literário. Chega a parecer um estadista para consumo pessoal.

Sarney não fez cerimônia em comparar-se a Franklin Roosevelt, mesmo sem falar inglês, quando em bom português está mais perto de Ademar de Barros, que convivia com o *slogan* “rouba, mas faz”. A diferença é que para Sarney a ressalva não vigora. O sarneysismo prima por não fazer. Roosevelt liquidou a recessão dos anos 30, salvou o capitalismo americano e preparou os EUA para vencer a guerra. Sarney aumentou a inflação, inaugurou a recessão, afundou o capitalismo brasileiro e perdeu a sucessão. Um providenciou o desembarque aliado na Normandia, o outro fez duas moratórias. A bomba atômica de Sarney caiu na cabeça dos outros: a eleição de Fernando Collor. De Roosevelt, Sarney imitou apenas o *slogan* tudo pelo social, que entregou à família para administrar.

O autismo político do ex-vice-presidente é capaz de tudo. No *Onze e meia*, Sarney tornou a dizer que ninguém levantou suspeita contra a sua honradez pessoal e política. Assim fica difícil argumentar: a primeira CPI sobre corrupção distinguiu especificamente o seu governo. Não foi obra de ficção oposicionista. Ao contrário. A abundância de material, bem utilizado por um pequeno partido, levou Collor ao governo e deixou em sexto lugar o candidato do maior partido. O ex-vice deixou passar a oportunidade de entregar a Jô Soares as respostas que continua devendo às 67 perguntas que a CPI lhe fez quando presidente.

Foi penoso, àquela hora da noite, admitir que a figura que falava compulsivamente pelos cotovelos já tivesse ocupado a presidência da República. Deu para entender a razão que levou ao poder o seu sucessor e a convivência parlamentar e política para arquivar as conclusões da CPI. Só não se consegue perceber por que a atual CPI da corrupção faz cerimônia para convocar o filho e a filha que são a continuação dele pelos mesmos meios.

Com a palavra, ainda no *Onze e meia*, o autista não perdeu a oportunidade. Como ninguém elogia o seu governo, ele se apressa em colocar-se os louros de melhor presidente da República com ressalvas de que as parcelas mais preparadas da sociedade podem pensar e dizer dele o que bem entender, porque o *povão* o reverencia nas pesquisas. Evidente que, depois de tudo, se as pesquisas lhe concederem algum favor, elas também ficarão suspeitas de faltar à verdade.

Disse Sarney que ele, na presidência, zerou o déficit. Realmente, pode dizer mas precisa explicar que acrescentou muitos zeros às despesas e nada à receita. A grande proeza do vice José Ribamar Sarney foi acrescentar, a peso de farta distribuição de emissoras de rádio e televisão ao Congresso, um ano ao mandato alheio, do qual se apossou estremunhado de sono, quando acordado *manu militari*.

Nem só de jactância vive o ex-vice José Sarney. Há papéis secundários que esperam oportunidade para exercitar a versatilidade do ator. O canastrão não podia faltar: por que minha filha não pode comprar um apartamento? Enquanto ele usava a presidência, não podia. Governantes não compram nem vendem no exercício do mandato, nem direta nem indiretamente. O impedimento moral vale para toda a família. A filha Roseana, por exemplo, empolgou-se em termos imobiliários, excedeu os limites tributários do recato que esconde sinais exteriores de riqueza. O genro, pelo menos, teve a ciência de ir fazer negócio no Canadá, e esperou para voltar. O outro rebento, que simula exercer mandato parlamentar, começa a aparecer mais nas apurações da CPI do que por seus méritos políticos. Também, pudera: não há mandato que resista ao tratamento coloquial de Zequinha Sarney, no plenário do bar Bracarense.

No *Onze e meia*, cabia ainda um tipo que Sarney acha que desempenha satisfatoriamente. Ninguém duvidou da sua honestidade enquanto esteve no governo. Por que agora? Para não perder a oportunidade que a outra CPI da corrupção perdeu porque ele invocou as prerrogativas presidenciais para deixar 67 perguntas poluindo o ar. Os cidadãos duvidaram o tempo todo. Alguns, desde o primeiro momento do vice, empurrado no lugar do presidente que morreu sem tomar posse. Não há sucessão sem ter havido posse. A rigor, o presidente Sarney não existiu legalmente. Deve ser por isso que nega ter feito todos os absurdos que cometeu.

Na hora de votar para presidente, depois de trinta anos, o eleitor levou em conta o candidato que prometeu durante toda a campanha devassar o governo Sarney e abotoá-lo com voz de prisão no ato de posse. Não cumpriu, mas foi assim que se elegeu. Valeu a intenção.

No intervalo comercial, o senador José Ribamar da Costa, vulgo Sarney, podia ter feito anúncios dos seus livros encalhados ou sortear exemplares para o auditório. O ex-vice-presidente mantém, quando discorre na televisão, o sotaque de matéria paga: falta de convicção no que diz e sobra inflexão de texto decorado.

Do alto da sua impostura, o sátrapa maranhense começa a sentir que a cada dia engana a um número menor de cidadãos. Ele percebe que a impunidade está com os dias contados. Começou a contagem regressiva.